

– **Nome do autor** : Pedro Urbano

– **Filiação institucional**: IHC-NOVA FCSH; CEC-FLUL

– **Título da proposta, resumo (máx. 500 palavras) e três palavras-chave**:

**Título**: Adelaide Cabete e a génese da polícia feminina

**Palavras-chave**: Carreira Policial Feminina, Movimentos feministas, Prostituição

**Resumo**:

A génese da carreira policial feminina ocorre com a admissão em 1930 das pioneiras, cujas funções se restringiam à vigilância de mulheres e crianças, serviços assistenciais, revista de meretrizes e gestão operacional de chamadas telefónicas policiais. Esta restrição de funções vai durar ao longo de todo o Estado Novo. Embora o primeiro diploma legal que previa a existência de guardas do sexo feminino data de 1945, restringia igualmente as funções das guardas à vigilância e assistência de mulheres e crianças, situação que se manteria até à década de 1970. O concurso aberto em 1971, no qual foram aprovadas 273 mulheres, destinava-as exclusivamente ao desempenho de funções como secretárias, telefonistas, nos supermercados e em funções relacionadas com o trânsito e o turismo. O desempenho de funções iguais aos dos seus congéneres masculinos só aconteceria nos primeiros anos do regime democrático, nomeadamente a partir de 1980, com o assentamento de praças de 312 mulheres, na primeira Escola de Alistados Feminina.

À entrada de agentes femininas na polícia não terá sido alheio o debate, ainda na década de 20, gerado pelos movimentos feministas, em particular o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, fundado em 1914 pela médica Adelaide Cabete, e que analisaremos nesta comunicação. Por ocasião do primeiro Congresso Nacional Abolicionista organizado em 1926 pela Liga Portuguesa Abolicionista, no qual se tratava e defendia a abolição da prostituição, Adelaide Cabete incide um dos seus discursos precisamente sobre a necessidade da existência de uma polícia feminina. Partindo do exemplo de policiais femininas noutros países, advoga a existência de uma polícia feminina em Portugal, cujas funções seriam aquelas que encontramos desempenhadas pelas primeiras guardas femininas: “vigilância e protecção das

crianças, jovens e mulheres”, traçando o modelo ideal de guarda, bem como o seu nível de instrução. Ainda que com o objectivo último de abolir a prostituição, poderá ter marcado o modelo da carreira feminina desde os 50 anos que medeiam os anos de 1930 e 1980.

**– Breve nota biográfica do autor ou autores (máx. 200 palavras):**

Licenciado em História pela NOVA-FCSH em 2001 e mestre em História Contemporânea, secção de século XIX pela mesma universidade com a dissertação: *Casa Palmela e o desafio Liberal: estratégias de Afirmação*, publicada pela Livros Horizonte em 2008. Doutorado em Ciências Históricas pela NOVA-FCSH, com a tese financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia intitulada: *Nos bastidores da Corte”: O Rei e a Casa Real na crise da Monarquia – 1889-1908*, que venceu a 23ª edição do Prémio Victor de Sá de História Contemporânea da Universidade do Minho, em 2014. Foi bolseiro de investigação em diversos projectos da NOVA, Universidade de Évora e ISCTE, dos quais se destacam o *Portuguese Women Writers*, financiado pela FCT e *Polícia de Segurança Pública: História e Património*. Participou na *COST Action IS0901 Women Writers in History* e na *COST Action IS1310 Reassembling the Republic of Letters, 1500-1800*. Foi membro da acção integrada *Cultural women networks between Portugal and Germany*, financiada pela FCT e participou no *Site of Portuguese Women Writers* financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Tem lecionado na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. Actualmente é investigador Junior do IHC- NOVA FCSH, no âmbito do CEEC 2017, com o projecto *Women (e)go: nineteenth century Portuguese female self-writing*.

**– Contactos do autor ou autores (email e telefone):** pedro.urbanogm@gmail.com ,  
telefone 964485450